



Contribuições da etnopsicanálise nas pesquisas de campo: o lugar do pesquisador na construção dos dados

Isabella Tormena Ferraz* e Eliane Domingues

Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: ferraz.isabella2@gmail.com

RESUMO. Segundo Devereux (1977), os dados nas pesquisas em ciências humanas apresentam-se sob três aspectos: (1) o comportamento do sujeito; (2) as perturbações induzidas pela presença do observador e por suas atividades; e (3) o comportamento do pesquisador, incluindo suas angústias, mecanismos de defesa, estratégias e decisões. Para Devereux, o terceiro aspecto é o mais importante, embora frequentemente negligenciado nas pesquisas. Partindo dessa perspectiva, este artigo tem como objetivo refletir sobre os fenômenos de transferência e contratransferência presentes na situação de pesquisa, a partir de uma investigação realizada com imigrantes haitianos. A pesquisa utilizada como material de análise trata-se de uma dissertação de mestrado cujo objetivo foi compreender os impactos do racismo na experiência desses imigrantes. Foram entrevistados sete participantes haitianos, sendo quatro homens e três mulheres. Refletimos sobre os sentimentos mobilizados na pesquisadora durante a interação com os participantes, bem como sobre o lugar por ela ocupado na relação estabelecida ao longo da pesquisa. Consideramos, ainda, de que modo os atributos da pesquisadora — como gênero, posição social, nacionalidade e raça — interferiram na construção dos dados e nas dinâmicas relacionais. Assim, seguindo os aportes de Devereux, destacamos a necessidade de uma análise cuidadosa dos aspectos transferenciais e contratransferenciais que emergem no desenvolvimento de pesquisas em ciências humanas.

Palavras-chave: pesquisa; transferência; contratransferência; psicanálise; etnopsiquiatria.

Contributions of ethnopschoanalysis in field research: the researcher's place in data construction

ABSTRACT. According to Devereux (1977), data in human sciences research present themselves in three fundamental dimensions: (1) the behavior of the subject; (2) the disturbances generated by the presence of the observer and their activities; and (3) the behavior of the researcher, including their anxieties, defense mechanisms, strategies, and decisions. For Devereux, the third aspect is the most important, yet it is often overlooked in research. Based on this perspective, this article aims to reflect on the phenomena of transference and countertransference present in the research setting, using as reference a study conducted with Haitian immigrants. The research, developed as a master's dissertation, sought to understand the impacts of racism on the experiences of these immigrants. Seven Haitian participants were interviewed, including four men and three women. We reflect on the emotions mobilized in the researcher during interactions with participants, as well as on the position occupied by the researcher within the relational dynamics established throughout the research process. Furthermore, we consider how the researcher's attributes — such as gender, social position, nationality, and race — influenced the data construction and the relationships built. Drawing on Devereux's contributions, we highlight the importance of carefully analyzing transference and countertransference aspects that emerge during the development of research in the human sciences.

Keywords: research; transference; countertransference; psychoanalysis; ethnopsychiatry.

Received on February 25, 2025.

Accepted on June 6, 2025.

Introdução

As pesquisas que envolvem seres humanos exigem do pesquisador um olhar atento não apenas para aquilo que se apresenta como dado proveniente dos sujeitos investigados, mas também para aquilo que se produz a partir da relação estabelecida entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Sobretudo, requer atenção às reações suscitadas no próprio pesquisador no encontro com o outro.

De acordo com Devereux (1977), quando se trata de pesquisas desenvolvidas no campo das ciências humanas, os dados obtidos apresentam-se sob três dimensões: (1) o comportamento do sujeito; (2) as perturbações geradas pela presença do observador e por suas atividades; e (3) o comportamento do próprio pesquisador, incluindo suas angústias, mecanismos de defesa, estratégias de pesquisa e decisões. Para Devereux, esse terceiro aspecto é o mais relevante e o mais negligenciado nas pesquisas.

Afirmo então que é a ‘contratransferência’, e não a transferência¹, o dado mais decisivo em toda ciência do comportamento², pois a informação que se pode obter pela transferência pode ser igualmente obtida por outros meios, diferente daquela que se chega por meio da análise da contratransferência. Tal especificidade se mantém, mesmo que transferência e contratransferência sejam fenômenos ligados e igualmente fundamentais; simplesmente a análise da contratransferência é ‘cientificamente’ mais produtiva em dados acerca da natureza humana (Devereux, 1977, p. 19, grifo do autor, tradução nossa).³

Devereux (1977) propõe que a análise dos resultados de uma investigação no campo das ciências humanas envolva lançar luz sobre as angústias, pontos cegos, sensações e demais fenômenos percebidos pelo próprio pesquisador ao longo do desenvolvimento do estudo. O autor sustenta que, ao incorporar esses elementos na análise, é possível alcançar uma maior objetividade na pesquisa. Para ele, considerar tais inferências permite ao pesquisador compreender que tanto suas angústias quanto suas resistências em relação ao objeto de estudo — as quais geram perturbações nos dados — constituem-se nos materiais mais valiosos da investigação, representando, portanto, o caminho mais legítimo para conhecer o sujeito pesquisado.

Nesse sentido, Devereux (1977) argumenta que, nas pesquisas realizadas no âmbito das ciências humanas, os dados obtidos dizem mais respeito ao próprio pesquisador do que aos sujeitos investigados. Assim, as dificuldades, angústias e reações emocionais que surgem no processo de pesquisa devem ser consideradas como elementos centrais de análise, devendo ser explorados em profundidade.

Isso significa que um experimento com ratos, uma excursão antropológica ou uma análise contribuem mais para a compreensão do comportamento se veem como fonte de informação acerca do psicólogo de animais, do antropólogo ou do psicanalista que se consideram apenas uma fonte de informação sobre os ratos, os primitivos ou os pacientes. [...] Não é o estudo do sujeito, mas o do observador o que nos propicia acessar à essência da situação observacional (Devereux, 1977, p. 22, tradução nossa).⁴

Logo, não é possível fazer ciência — ou, ao menos, uma ciência fidedigna — se ignorarmos os dados mais fundamentais que a constituem, ou seja, as dificuldades, angústias e perturbações que são despertadas ao longo da investigação. O pesquisador que desconsidera os efeitos produzidos pela interação com os sujeitos da pesquisa, acreditando que, assim, elimina os impactos dessa relação, incorre no risco de obter dados distorcidos (Devereux, 1977).

Seguindo uma perspectiva semelhante à proposta por Devereux, a antropóloga Favret-Saada (2005) incorpora em seus trabalhos de campo a dimensão do afeto — mais precisamente, de como o pesquisador é afetado e de que maneira pode utilizar esse afeto como ferramenta metodológica na produção do conhecimento. Ao investigar a feitiçaria no interior da França, Favret-Saada constatou que somente ao se permitir ser afetada pelo que pesquisava foi possível acessar, de fato, seu objeto de estudo. Antropólogos que, anteriormente, haviam pesquisado o tema adotaram posturas pautadas no distanciamento, assumindo a posição de meros observadores. Como resultado, produziram análises superficiais, que pouco revelavam sobre a complexidade do fenômeno. Foi apenas quando a pesquisadora passou a experienciar diretamente a feitiçaria — ou, em suas palavras, quando foi ‘pega pela feitiçaria’ — que se tornou possível acessar narrativas e dimensões do fenômeno que, até então, permaneciam inacessíveis.

Cioccari (2009), em sua pesquisa com duas comunidades de ex-trabalhadores de minas carvão, relata como foi afetada e as perturbações que emergiram na relação com os sujeitos participantes. A autora destaca

¹ Transferência é aqui entendida com base no conceito psicanalítico de ser um processo pelo qual desejos, fantasias e moções inconscientes são atualizadas e reeditadas no quadro da relação analítica. Dessa maneira a transferência passa a ser “[...] como um terreno sobre o qual se dá a problemática de um tratamento psicanalítico, pois são a sua instalação, as suas modalidades, a sua interpretação e a sua resolução que caracterizam este” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 514). Sobre a contratransferência, seria a produção desses mesmos fenômenos, mas por parte do analista.

² Ciência do comportamento é o termo que Devereux utiliza para fazer referência à toda ciência que, em certa medida, estuda fenômenos humanos, conforme indica Binkowski (2018).

³ No original: “Afirmo que es la ‘contratransferencia’ y no la transferencia el dato de importancia más decisiva en toda la ciencia del comportamiento, porque la información que se puede sacar de la transferencia por lo general también puede obtenerse por otros medios, y no sucede así con la que proporciona el análisis de la contratransferencia. Es válida esta especificación, aunque transferencia y contratransferencia sean fenómenos conjugados y igualmente básicos: sencillamente porque el análisis de la contrantransferencia es ‘científicamente’ más productivo en datos acerca de la naturaleza del hombre”

⁴ No original: “Esto significa que un experimento con ratas, un excursión antropológica o un psicoanálisis contribuyen más a la comprensión del comportamiento si se ven como fuente de información acerca del psicólogo de los animales, el antropólogo o el psicanalista que si se consideran tan sólo una fuente de información acerca de las ratas, los primitivos o los pacientes. [...] No es el estudio del sujeto sino el del observador el que nos proporciona acceso a la esencia de la situación observacional”.

que os efeitos de sua presença — enquanto mulher e pesquisadora em um contexto predominantemente masculino — influenciaram diretamente os resultados da pesquisa. A partir da concepção de ‘ser afetado’, desenvolvida por Favret-Saada, em articulação com a proposta de Devereux, Cioccarri defende que as perturbações surgidas no campo são produtivas, desde que o pesquisador as utilize como instrumentos para uma compreensão mais profunda do contexto investigado. A própria autora utilizou os sonhos que teve durante o trabalho de campo como material de análise.

Um dos sonhos relatados por Cioccarri (2009) foi com um dos participantes da pesquisa. No sonho ele aparecia sangrando e vestido apenas com um calção, ela diz saber que ele “[...] estava embriagado e que havia tentado castrar-se” (Cioccarri, 2009, p. 230). Pouco tempo depois, em uma entrevista com outro participante, este narra a história de um ‘carrasco da mina’, um sujeito que aterrorizava os novatos simulando uma castração. A recorrência desse conteúdo — presente tanto no sonho quanto no relato — representa, para Cioccarri, aquilo que Favret-Saada denomina ‘comunicação involuntária’ e a angústia da ‘hipercomunicação inconsciente’ nos termos de Devereux.

Macedo (2024), em seu trabalho realizado junto a terreiros de umbanda, também discute a necessidade de considerar as implicações do pesquisador no campo. Parte do entendimento de que a ciência não é neutra e de que todo pesquisador chega ao campo carregando suas próprias concepções, valores e experiências. Nesse sentido, Macedo indica a escuta participante, proposta por Bairrão (2005), como um instrumento metodológico que permite ao pesquisador ser mais do que um mero observador, mas estar/ser parte do processo. Esse posicionamento possibilita a construção de resultados mais fidedignos e coerentes com os saberes e práticas da comunidade pesquisada. A escuta participante

[...] compreende a escuta não como uma atividade passiva do pesquisador, mas com uma posição ativa diante dos fatos, assemelhando-se também à escuta clínica do analista desenvolvida em diversos contextos de atenção à saúde. Ouvir o campo, nessa perspectiva, seria algo semelhante à tarefa do analista, sendo importante considerar como esse campo promove ressonâncias tanto no sujeito-pesquisado como no sujeito-pesquisador, a partir das transferências e contratransferências [...] (Scorsolini-Comin, 2020, p. 101).

Partindo dessas ideias, que ressaltam a importância da análise dos processos contratransferenciais nas pesquisas em ciências humanas, este artigo tem como objetivo refletir sobre a implicação do pesquisador na construção dos dados, a partir de uma pesquisa de campo realizada com imigrantes haitianos. A reflexão proposta considera os fenômenos transferenciais e contratransferenciais presentes na situação de pesquisa, bem como seus efeitos na produção do conhecimento. Os dados analisados são parte de uma pesquisa de mestrado concluída em 2020, ou seja, trata-se de uma reflexão desenvolvida a partir de um distanciamento temporal que permitiu outro olhar sobre o que se produziu na interação com o campo e com os participantes da pesquisa.

A pesquisa

A pesquisa que aqui tomaremos como objetivo de reflexão foi realizada pela primeira autora, sob orientação da segunda, e teve como objetivo compreender os impactos do racismo na experiência de imigrantes haitianos. Participaram da pesquisa sete imigrantes haitianos — quatro homens e três mulheres — que atendiam aos critérios de inclusão: ter idade igual ou superior a dezoito anos, residir em Maringá ou na região metropolitana e possuir domínio suficiente da língua portuguesa para compreender as informações relativas à pesquisa e estabelecer uma comunicação efetiva com a pesquisadora durante a entrevista (Ferraz, 2020).

O acesso aos participantes ocorreu por meio da técnica de cadeia de referências, também conhecida como método bola de neve, um percurso no qual “[...] o pesquisador inicia-se igualmente movido pelo interesse por determinado assunto/tema, que se constitui em seu tópico geral e foco” (Turato, 2003, p. 364). A partir de uma primeira entrevista com um participante indicado por um contato inicial, foram realizadas as entrevistas subsequentes com pessoas recomendadas pelos próprios entrevistados.

O primeiro nível da cadeia de referências teve início em uma igreja da qual fazia parte um haitiano apresentado à pesquisadora por uma amiga. As indicações ocorreram dentro do contexto dessa comunidade religiosa e se mantiveram até que fosse alcançado o fechamento amostral, considerando-se que a quantidade e a qualidade dos dados obtidos eram suficientes para atender aos objetivos da pesquisa. Ressalta-se, no entanto, que não se chegou a uma condição de saturação.

Os encontros ocorreram em locais e horários previamente escolhidos pelos próprios participantes, de modo a garantir que as entrevistas acontecessem em espaços que proporcionassem conforto e segurança (Barros, 2016).

Em relação à produção dos dados, a proposta inicial previa a realização de um grupo com mulheres haitianas. No entanto, ao longo do processo, essa estratégia revelou-se inviável devido a uma série de dificuldades, que serão discutidas no decorrer deste artigo. Diante da impossibilidade de conduzir o grupo, optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas, que, além de se constituírem como um instrumento próprio do método clínico, atenderam ao objetivo de obter alguns dados específicos que, por limitações temporais, não poderiam ser coletados por meio de um processo de longo prazo (Bleger, 1964).

Esse modelo mostrou-se o mais adequado para os objetivos do estudo, uma vez que, conforme destaca Gil (1999), a entrevista semiestruturada, embora permita ao entrevistado conduzir sua narrativa com certa liberdade, mantém o foco em uma temática específica, estruturada a partir de um roteiro previamente elaborado e alinhados ao objeto de investigação.

De acordo com Rosa e Domingues (2010), a entrevista configura-se como uma técnica que possibilita um contato mais próximo com os sujeitos envolvidos no fenômeno estudado, sendo, portanto, coerente com as premissas da pesquisa em Psicanálise. Nessa perspectiva, a entrevista deve ser compreendida à luz da concepção de que a transferência é central, pois é na dinâmica transferencial que o entrevistado pode elaborar suas próprias questões e, ao mesmo tempo, buscar respostas para elas. Ao entrevistador, por sua vez, cabe sustentar uma escuta atenta tanto às resistências que possam emergir no decorrer do processo quanto a própria contratransferência, nos termos de Devereux (1977).

As entrevistas somente foram iniciadas após a aprovação do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá. Todos os participantes convidados leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), elaborado em duas versões: uma em português e outra em crioulo. A adoção do TCLE na língua materna dos participantes, ainda que o domínio do português fosse um dos critérios de inclusão, visou assegurar uma melhor compreensão sobre os objetivos, procedimentos e implicações da participação no estudo.

No primeiro encontro com cada entrevistado, além da leitura e assinatura do termo, a pesquisadora apresentou os objetivos e a finalidade da pesquisa, reforçando o caráter voluntário da participação e destacando que os participantes poderiam, a qualquer momento, interromper sua colaboração caso experimentassem qualquer forma de desconforto.

Por fim, a análise dos resultados foi conduzida considerando aquilo que se produziu na relação estabelecida entre a pesquisadora e os participantes. Partiu-se do entendimento de que os dados são construídos no âmbito da dinâmica transferencial e contratransferencial, em um enquadre — que inclui o local da entrevista, as pessoas presentes e o momento em que ela ocorre. Além disso, reconhece-se que esses dados estão atravessados por marcadores sociais como nacionalidade, cor, gênero, idade e condição social, tanto da pesquisadora quanto dos entrevistados.

Contexto da pesquisa: a chegada a campo

O contato com os imigrantes haitianos ocorreu, inicialmente, por meio de visitas a uma igreja protestante frequentada pela comunidade haitiana. A pesquisadora conheceu esse espaço a convite de uma amiga, também psicóloga, que a acompanhou nas primeiras visitas. Essa amiga mantinha contato com um haitiano integrante dessa comunidade religiosa, que, para fins de preservação de sua identidade, será referido neste texto como Jean (nome fictício). Jean atuou como mediador, facilitando tanto a realização da pesquisa no local quanto o contato inicial com os participantes.

Segundo informações fornecidas por Jean, a comunidade haitiana reunia-se há cerca de três anos para participar das celebrações religiosas. Nos dois primeiros anos, os cultos eram realizados em uma igreja protestante brasileira, que disponibilizava seu espaço uma vez por semana. As celebrações ocorriam aos domingos pela manhã, conduzidas por dois diáconos na língua crioula, com algumas leituras em francês. Além das celebrações, esse espaço funcionava como um local de convivência, onde também eram promovidos grupos de jovens, ensaios, conferências, festas e outras atividades comunitárias.

A proposta de realização da pesquisa foi apresentada aos líderes e responsáveis pela igreja, juntamente com os objetivos e procedimentos previstos. Após a aprovação por parte deles, a pesquisadora se apresentou à comunidade durante um dos cultos, momento a partir do qual os contatos com os possíveis participantes começaram a ser estabelecidos.

Nos encontros subsequentes, realizados em outras visitas ao local, a pesquisadora percebeu uma reação ambígua por parte da comunidade: ao mesmo tempo em que era acolhida, com esforços para que se sentisse

à vontade, também se deparava com sinais de desconfiança, expressos na curiosidade sobre o que uma mulher brasileira fazia naquele espaço de convívio da comunidade haitiana.

Acreditamos que essa sensação foi compartilhada por ambos os lados, uma vez que a pesquisadora também percebeu em si o desejo de se envolver, acompanhado de certa insegurança quanto às possíveis reações do grupo. Esses sentimentos a levaram, mais uma vez, a se apresentar e a reforçar os objetivos e a proposta da pesquisa. Após esse momento, algumas pessoas se aproximaram ao final do culto para conversar, chegando, inclusive, a solicitar auxílio em questões relacionadas à saúde e orientações sobre onde buscar determinados serviços na cidade.

Considerando que, naquele contexto, a pesquisadora ocupava o lugar de estrangeira, foi possível observar, por parte do grupo, um movimento de acolhimento, manifestado, por exemplo, na tradução de alguns momentos da cerimônia, na preocupação em garantir que ela tivesse um lugar para se sentar e no oferecimento de recursos, como a Bíblia ou aplicativos no celular, para que pudesse acompanhar as leituras e os cânticos. Cabe retomar, conforme aponta Pitt-Rivers (1983, citado em Cioccarri, 2009, p. 238), que “[...] a lei da hospitalidade é fundada sobre a ambivalência – o hóspede pode estar a meio do caminho entre o estrangeiro suspeito e o membro da comunidade”.

Como a proposta inicial desta pesquisa era a realização de um grupo com mulheres haitianas, o contato com a igreja se mostrou fundamental, uma vez que o objetivo era conduzir os encontros naquele espaço. Na primeira vez em que a proposta foi apresentada, durante um culto, cerca de quinze mulheres manifestaram interesse, deixando seus nomes e números de telefone.

A pesquisadora, então, criou um grupo em um aplicativo de mensagens com o intuito de combinar os dias e horários para a realização dos encontros. No entanto, no primeiro encontro compareceram apenas quatro das inscritas, momento em que já começaram a se evidenciar questões que apontavam para as dificuldades de desenvolvimento desse dispositivo, sobretudo pelo fato de que a demanda partia da pesquisadora, e não do grupo.

Foi explicado às participantes que a proposta do grupo era funcionar como uma roda de conversa sobre alguns temas previamente definidos, embora permanecesse aberta à possibilidade de inclusão de novos temas, conforme as demandas surgissem ao longo dos encontros. No entanto, a pesquisadora percebeu certa desconfiança por parte das participantes, sendo que algumas, já nesse primeiro momento, manifestaram a intenção de desistir da participação. Isso ocorreu porque elas esperavam que o grupo oferecesse algum tipo de ensino ou orientação prática, como informações sobre o ingresso na universidade, por exemplo.

Após esse primeiro encontro, novas tentativas foram realizadas, mas não se concretizaram, uma vez que as mulheres não respondiam às mensagens enviadas no grupo de WhatsApp, e aquelas que responderam não compareceram na data e horário combinados. Diante desse cenário — marcado tanto pela ausência das participantes quanto pela falta de um vínculo prévio com a pesquisadora que pudesse mobilizar as transferências necessárias para que se sentissem seguras em compartilhar suas experiências —, optou-se por alterar a estratégia metodológica, passando da proposta de grupo para a realização de entrevistas.

Temos como hipótese para a não realização do grupo a precipitação da pesquisadora ao propor sua formação sem que, previamente, tivesse sido construído um vínculo mais sólido e consistente com essas mulheres. Isso se deve ao fato de que a estratégia de coleta de dados foi delineada antes mesmo do primeiro contato com essa comunidade.

Devereux (1977) ressalta que, diante de situações ansiogênicas, o pesquisador pode recorrer a instrumentos metodológicos ou a determinados filtros que funcionem como proteção. No caso em questão, a antecipação da definição sobre a forma de coleta de dados, por parte da pesquisadora, pode ser compreendida como um movimento defensivo frente à angústia gerada no contato com uma comunidade nova e, até então, desconhecida.

Refletimos, ainda, que parte das resistências encontradas pode estar relacionada ao recorte de gênero adotado, considerando que o acesso às mulheres haitianas se mostrou mais difícil do que o acesso aos homens. Essa hipótese é corroborada por Barros (2016), que, em sua pesquisa, não conseguiu entrevistar nenhuma mulher haitiana, seja por não se enquadrarem nos critérios estabelecidos, seja pela ausência de consentimento para participação nas entrevistas.

Já Mejía e Cazarotto (2017) destacam o silêncio da imigrante haitiana, ressaltando os fatores culturais envolvidos nessa questão, uma vez que a desigualdade de gênero é profundamente instituída no universo haitiano, de modo que “[...] em diversas situações evidencia-se a dominação masculina [...]” (Mejía & Cazarotto, p. 178), sendo os homens os detentores da voz.

Embora tenha havido alteração no modo como a pesquisa foi conduzida, o envolvimento com a comunidade continuou a se desenvolver. A pesquisadora participou de alguns grupos de convivência — semelhantes aos grupos de jovens comumente existentes nas igrejas — e foi convidada a participar de um casamento realizado naquele local. Apesar de a pesquisadora não conhecer os noivos, alguns entrevistados insistiram para que ela fosse permitindo-lhe conhecer um pouco mais da sua cultura, o que favoreceu a criação de um vínculo transferencial com a comunidade em questão.

A pesquisadora na construção dos dados

A partir da proposta de Devereux (1977), segundo a qual as perturbações causadas pelo pesquisador na produção dos dados nas pesquisas em ciências humanas devem ser tomadas como objeto de análise, refletimos sobre as reações e (de)formações provocadas pela presença da pesquisadora no campo. Contudo, tão importante quanto refletir sobre as próprias reações contratransferenciais é considerar o lugar que os participantes atribuem ao pesquisador, pois é esse lugar que definirá o que lhe será acessível ou não.

Para Lioger (2002, p. 106, tradução nossa), “[...] no método que nos parece propriamente etnopsicanalítico, a primeira questão que o etnólogo deve se colocar é: ‘A quem se endereça o discurso?’; assim é possível encontrar a posição que o discurso do informante lhe atribui”.

A pesquisadora é uma mulher, jovem, brasileira, vinda da universidade — espaço almejado por alguns dos entrevistados —, usufrui de uma posição socioeconômica diferente da deles e, principalmente, é uma mulher *blanc*.⁵

Como indica Devereux (1977), o sexo do pesquisador é um fator determinante para se pensar sobre o que ele pode ver e ouvir, pois, em cada cultura, homens e mulheres têm acesso a conteúdos e situações diferentes. No grupo em que foi realizada a pesquisa, percebemos o quanto essa característica influenciou tanto a condução das entrevistas quanto a forma como a pesquisadora se sentiu em relação aos participantes.

Isso se manifestou, primeiramente, na tentativa de formar os grupos. Como já foi apresentado, a ideia de desenvolver um grupo composto por mulheres partiu, inicialmente, do pressuposto de que, sendo a cultura haitiana marcadamente desigual em relação aos papéis de gênero, seria muito mais fácil formar um grupo com mulheres, considerando que a pesquisadora também é mulher. No entanto, o contato com o campo revelou uma realidade completamente diferente, pois as mulheres se mostraram muito mais fechadas e inacessíveis. Nessas situações — ainda anteriores à realização das entrevistas —, a pesquisadora percebeu que eram, sobretudo, os homens que se aproximavam dela, tanto para recepcioná-la no local quanto para incluí-la no grupo — traduzindo algumas falas, perguntando sobre ela, entre outras ações —, enquanto as mulheres mantinham uma postura de distanciamento e desconfiança. Essa dinâmica ficou especialmente evidente nas tentativas de implementar a roda de conversa.

Na primeira e única vez em que foi possível reunir algumas participantes para o início do grupo, o que mais se evidenciou foi a condição de estrangeira da pesquisadora frente ao grupo. As participantes conversavam entre si em crioulo, lançavam olhares de desconfiança para a pesquisadora e pouco traduziam do que estava sendo discutido entre elas.

Um dos questionamentos que surgiu nesse primeiro encontro foi sobre o que, de fato, a pesquisadora ofereceria naquele espaço. Seria o ensino de Psicologia? Ofereceria algum acesso à universidade? Não. O que estava sendo proposto era a criação de um espaço de escuta. No entanto, ficou claro que essa era uma demanda da própria pesquisadora, e não das participantes.

As tentativas de formação do grupo foram infrutíferas. As mulheres não compareceram nos dias combinados, e o silêncio predominou no grupo criado no aplicativo de mensagens. Algo se comunicava ali por meio desse silêncio e dessa resistência. A pesquisadora era uma estranha que chegava com uma proposta, sem que sequer houvesse qualquer demanda prévia da parte delas.

Esse questionamento foi fundamental para repensar a proposta de coleta de dados, especialmente ao compreender que, como aponta Devereux (1977), o método científico funciona como um aparato utilizado pelo pesquisador para atenuar a angústia despertada no contato com o campo.

Nesse contexto, a proposta que melhor poderia atender às necessidades da pesquisa seria aquela que possibilitasse outro tipo de contato — diferente daquele experimentado na tentativa de formação do grupo

⁵ Conforme aponta Handerson (2015, p. 24), é traduzido como branco, mas também comporta a noção de alteridade, significando também “[...] o outro, o estrangeiro, o não-nacional, além de ser associado a uma determinada classe social e a determinados comportamentos”.

— e, principalmente, que viabilizasse a construção de uma relação de confiança, na qual as participantes se sentissem seguras para falar sobre temas potencialmente sensíveis. Diante disso, optou-se pela realização de entrevistas individuais, o que também contribuiu para reduzir a angústia da pesquisadora.

Como a participação ocorria, em geral, por meio da indicação de algum familiar ou amigo, a pessoa que recebia a pesquisadora mostrava-se, de certa forma, um pouco mais aberta e disposta a conversar, já que a transferência com a pesquisadora, até então desconhecida, era, de algum modo, mediada por alguém de sua confiança.

Apesar disso, foram percebidas diferenças nas entrevistas realizadas com homens e mulheres. Mesmo nesse espaço de maior abertura, a pesquisadora notou mais resistência e desconforto por parte das mulheres do que dos homens. Elas se mostravam mais rígidas tanto na interação com a pesquisadora quanto nas respostas, embora tenha sido delas que partiram a maioria dos relatos de situações de violência — especialmente de cunho racial.

Cioccari (2009), em seu artigo sobre o trabalho etnográfico realizado com homens que haviam trabalhado em minas de carvão, discute a reação de desconfiança por parte das mulheres das comunidades em que realizou sua pesquisa. A autora relata como se formou uma rede de vigilância ao seu redor, com o objetivo de avaliar se ela possuía ‘boa reputação’ e se seria uma pessoa confiável — processo que evoluiu até o ponto em que passou a ser convidada para festas, como forma de inserção social, para que pudesse, inclusive, ‘conhecer alguém’.

O convite para frequentar bailes era a maneira pela qual mulheres da localidade expressavam seu acolhimento, sua aceitação a uma ‘estranha’ [...] esse tipo de solidariedade feminina pode embutir uma tentativa de familiarização e/ou domesticação da alteridade e neutralização de fatores que poderia significar concorrência junto aos homens (Cioccarei, 2009, p. 222, grifo do autor).

A reação de desconfiança relatada por Cioccarei remete a algo que a pesquisadora também sentiu nos momentos em que esteve com as mulheres haitianas. Essa resistência foi percebida tanto naquelas que inicialmente iriam participar do grupo quanto nas entrevistadas. Ao escrever sobre essa experiência, a pesquisadora sentia uma enorme dificuldade, que lhe causava grande cansaço a cada vez que se sentava para continuar a escrita. Em um desses dias, ela dormiu por alguns minutos e teve o seguinte sonho: encontrava-se em uma sala, parecida com uma sala de aula, quando algumas mulheres haitianas entraram. Algumas mostravam-se um pouco hostis, enquanto outras eram mais acessíveis. Uma delas entregou à pesquisadora uma sacola de frutas. Ao olhar dentro da sacola, percebeu que havia mangas e uma fruta grande que não conseguiu identificar. Ela agradeceu e teve vontade de comer uma manga, notando que uma delas já estava cortada em sua superfície, mas desistiu ao perceber que uma das mulheres estava brava.

O sonho pareceu revelar justamente o desconforto que a pesquisadora sentiu nas ocasiões em que esteve diante dessas mulheres que a olharam com desconfiança e despertaram nela uma grande angústia — angústia essa que a fez desistir de continuar com o grupo e alterar a forma como coletaria os dados — tal como o recuo diante da manga. Nesse sentido, as frutas na sacola podem ser interpretadas como uma analogia ao próprio grupo: a fruta desconhecida representaria uma cultura distinta, assim como a língua estrangeira que a pesquisadora não dominava, elementos que se associam a essa sensação de estranhamento.

Ademais, é preciso considerar que a angústia também se relacionava ao receio da pesquisadora em abordar questões delicadas — para si mesma ou para as participantes —, ao se confrontar com sua condição de estrangeira entre as haitianas e, principalmente, à sensação de não ter muito a oferecer. Eram elas que ofertavam algo à pesquisadora, e não o contrário.

Para além do sexo da pesquisadora, outro fator a ser considerado aqui é a questão racial. Embora a pesquisadora se reconheça enquanto mulher negra e, no Brasil, seja lida dessa forma — tendo como base a tonalidade da pele e alguns traços físicos —, para os haitianos ela ocupa uma categoria diferente: a de mulata e *blanc*. O primeiro termo é utilizado por eles para se referir a pessoas resultantes de relações inter-raciais e, portanto, que não são consideradas negras; pelo contrário, gozam de privilégios que as aproximam muito mais da branquitude, estando, assim, inseridas em uma estratificação racial e social. Isso porque, no Haiti, esse é o grupo que detém grande parte do poder econômico e político do país, representando uma minoria. São aqueles que, como afirmou um dos entrevistados, “[...] se acham descendentes dos franceses”. Pela tonalidade de pele da pesquisadora — mais clara do que a de todos os entrevistados — e pelo cabelo liso, foi essa categoria que lhe foi atribuída.

Aqui vale acrescentar que o modo como as relações raciais se constituem e operam no Haiti difere significativamente do modelo brasileiro. Isso porque, conforme indica Melo Rosa (2016), mais do que

categorias fixas de cor, há um modelo de cosmovisão que não se pauta em classificações rígidas sobre quem é negro ou branco. A categoria *nèg* é fundante, pois abarca uma elasticidade que permite que uma pessoa branca possa ser considerada *nèg*, enquanto um negro estrangeiro, com hábitos ocidentalizados, possa ser lido e categorizado como *blanc* — alguém considerado fora da nação. Ou seja, negro e branco, nesse contexto, não dizem respeito apenas à cor da pele, mas a uma performance do sujeito que o insere como parte da nação haitiana (*nèg*) ou como estrangeiro a ela (*blanc*).

Com base nisso, nota-se que essas categorias manifestam algo além da cor da pele ou da ‘filiação racial’: são formas que dão sentido à noção de pessoa no Haiti e que têm no negro, ou *nèg*, o caráter essencial do sistema simbólico haitiano, uma vez que funda, mas não vincula, raça e cor ao entendimento do que constitui a pessoa (Melo Rosa, 2016).

Essa questão já apareceu nos primeiros contatos que a pesquisadora teve com Jean, quando, em uma conversa pelo WhatsApp, respondeu a ele usando emojis de cor negra. Jean imediatamente questionou o motivo pelo qual a pesquisadora utilizava aquele tipo de emoji, se ela não era negra. Até então, a pesquisadora não havia sequer se questionado sobre sua identidade racial — construída no contexto da sociedade brasileira — e sobre como esta seria lida pelas pessoas do grupo. Isso porque, ao pensar no peso da questão racial na pesquisa, considerava que seria uma pesquisadora negra entrevistando sujeitos negros.

Nesse caso, como é perguntar sobre o racismo para pessoas que não viam a pesquisadora como negra? Definitivamente, os discursos produzidos nessa relação foram afetados por esse fator, de modo que as respostas às perguntas provavelmente seriam distintas se fossem direcionadas a alguém reconhecido como parte do mesmo grupo racial.

Essa disparidade — e até certa ingenuidade — entre a ideia inicial, de que a pesquisadora estava ali enquanto mulher negra e seria vista dessa forma, e a realidade, leva à reflexão sobre o que Devereux (1977) chamou de ‘antecedentes sociais do cientista’. Para o autor, toda produção científica é marcada por uma ideologia, por condições étnico-culturais, de classe e profissionais do cientista que pesquisa; isto é, “[...] quase sempre a ciência — sobretudo a do comportamento — está enredada nas malhas da ideologia e da pauta cultural” (Devereux, 1977, p. 175, tradução nossa).⁶

Dito isto, não podemos nos furtar à consideração de que nossas pesquisas — especialmente quando realizadas com sujeitos de origem cultural distinta — são atravessadas por nossas próprias questões ideológicas e formas de ver o mundo que, muitas vezes, nos levam a interpretações enviesadas e até mesmo errôneas. Incurremos em um grande risco ao ignorar esse fator, pois, partindo da situação aqui experienciada, se assumir que a identidade racial do negro brasileiro é entendida da mesma maneira pelo negro haitiano, ignora-se parte fundamental da relação estabelecida entre a pesquisadora e os entrevistados.

Somado a isso, há que se considerar o fato de que a pesquisadora ocupa o espaço universitário — um lugar de privilégio — que aparece nas falas de alguns entrevistados como um dos motores que os levou a decidir viajar. O desejo por estudar e, conseqüentemente, ter acesso a empregos e salários melhores é algo que aparece de forma constante em quatro das entrevistas — desses sujeitos, somente um conseguiu ingressar na universidade.

Por fim, também deve ser levada em conta a circunstância de que a pesquisadora é brasileira. O peso desse atributo talvez seja um dos mais consideráveis, pois, ao investigar situações de violência vividas por essas pessoas no Brasil, os entrevistados se veem diante da delicada situação de se queixar, para uma brasileira, do país que os ‘acolheu’. Isso fica especialmente notável ao longo das entrevistas, sobretudo quando, diante de perguntas que tocam diretamente nos aspectos problemáticos e difíceis da experiência no Brasil, surgem discursos inversos, nos quais se elogiam e exaltam tanto os próprios brasileiros quanto o país de maneira geral. Cabe destacar, entretanto, que as mulheres foram as que menos assumiram essa postura.

Narrativas que se constroem na relação entre dois

De acordo com Rosa e Domingues (2010), diferente do que ocorre na situação analítica — em que o analisando busca o analista, portando uma demanda que precisa de espaço para ser escutada —, na entrevista realizada no contexto de investigação sobre determinado tema, é o pesquisador quem se dirige ao

⁶ No original: “[...] casi siempre la ciencia — y sobre todo la de la conducta — está inextricablemente enredada en la mallas de la ideología y de la pauta cultural”.

entrevistado, levando consigo a sua própria demanda. Evidentemente, isso não significa que não haja, por parte do entrevistado, o desejo de ser escutado; até porque, se esse desejo não estiver presente, dificilmente a entrevista poderia ser realizada.

Partir da concepção de que as narrativas construídas ao longo das entrevistas pressupõem uma relação entre dois sujeitos, nos convida a refletir sobre com quem os entrevistados estavam falando e de que modo a pesquisadora foi afetada pela relação estabelecida com eles. Trata-se de considerar as relações transferenciais e contratransferenciais como essenciais para os resultados obtidos nesta pesquisa, pois, conforme aponta Moro em uma entrevista,

[...] nós, como pessoas, como seres, nós como terapeutas e psicanalistas também, temos vivências, temos gênero, temos filiações, temos cor de pele, temos cultura, portanto não só reagimos à transferência, mas vivemos e projetamos sobre o paciente. E ainda pode haver diferenças culturais (Suannes et al., 2017, p. 17).

Além disso, refletimos aqui sobre como se estabeleceu a relação transferencial entre cada um dos sete entrevistados⁷ e a pesquisadora, bem como sobre o que foi produzido na relação construída entre dois. Em outras palavras, buscamos compreender qual lugar cada entrevistado atribuiu à pesquisadora e quais discursos puderam, a partir disso, ser enunciados.

Jean, o primeiro entrevistado, foi apresentado à pesquisadora por meio de um contato em comum, e foi a partir dele que a rede de indicações se formou. Estava no Brasil há algum tempo e veio em condições distintas das dos demais entrevistados, uma vez que seu processo migratório ocorreu na condição de estudante universitário. O fato de circular no ambiente acadêmico viabilizou um ponto de conexão com a pesquisadora.

Nesse sentido, foi possível observar que seu discurso — ora marcado por um academicismo que buscava oferecer as ‘respostas corretas’, seguindo uma lógica pré-estabelecida, ora permitindo que algo de seu incômodo emergisse pelas brechas — revelou contradições significativas. Ao mesmo tempo que afirmava ser extremamente bem tratado no Brasil, relatava ter vivenciado diversas situações de violência e humilhação em razão de sua condição de homem negro e estrangeiro no espaço universitário. Como exemplo, Jean contou ter se sentido discriminado por alguns professores em sala de aula — embora não tenha associado a discriminação a sua raça e origem, em sua fala —, além de ter sido abordado por um policial dentro do campus, ocasião em que o agente chegou a apontar uma arma contra ele.

Pierre, o segundo entrevistado, foi indicado por Jean. Apresentava certa desconfiança e receio, perceptíveis no cuidado com que escolhia suas palavras. Dialogava com uma brasileira, a quem desejava demonstrar gratidão e satisfação pelo país de acolhimento. Tinha uma situação socioeconômica distinta da maioria dos imigrantes haitianos — possuía sua própria empresa, carro e viajava com frequência para outros lugares —, e manteve, durante a entrevista, uma postura de cautela que, possivelmente, também adota em outros contextos e que lhe proporciona certa segurança. Pierre saiu do Haiti ainda jovem e viveu por dez anos na República Dominicana. Por isso, desenvolveu uma estratégia, nomeada por ele como ‘evitar problemas’, que inclui saber silenciar-se em situações que representem algum tipo de ataque ou ofensa.

A irmã de Pierre, Stelle, e seu marido, Joseph, optaram por participar juntos da entrevista, embora o contato inicial tenha sido feito apenas com Stelle. Essa escolha ocorreu tanto por a entrevista ter sido realizada na residência da família quanto pelo fato de Stelle reconhecer, no marido, uma necessidade de ser escutado. Isso se deve, sobretudo, ao fato de que, pouco tempo após a chegada do casal ao Brasil, Joseph sofreu um grave acidente de trabalho que lhe causou limitações físicas e exigiu um longo tratamento, colocando a família em uma situação de grande vulnerabilidade. Nesse encontro, o lugar atribuído à pesquisadora foi o de confidente, alguém que poderia escutar e acolher o relato do trauma vivido. Tendo ciência, desde o primeiro contato, da área de atuação da pesquisadora, o casal percebeu na entrevista uma oportunidade de contar sua história a alguém externo ao círculo familiar e de amigos — alguém que, de alguma forma, pudesse acolher seu sofrimento e dar-lhe um lugar de importância. “Isso aqui vai sair na TV?” — perguntou Stelle durante a entrevista. A situação de desamparo em que se encontravam, por estarem em um país novo, enfrentando dificuldades financeiras e sem assistência por parte da empresa de Joseph, é, por eles, claramente denunciada. Sem que houvesse espaço para abordar a questão racial — tema central da pesquisa —, a demanda do casal se revelou como a busca por alguém que os escutasse acerca do fracasso da vida que haviam sonhado no Brasil.

⁷ A fim de preservar a identidade dos sujeitos entrevistados, optamos por modificar informações que de alguma maneira servissem para a identificação dos participantes.

Judith foi a quinta entrevistada. Sua vinda ao Brasil ocorreu para acompanhar o marido em seu desejo de reconstruir uma vida que havia sido devastada no Haiti por uma série de infortúnios. Esse, contudo, não era um desejo partilhado por ela, uma vez que sua vida no Haiti era confortável e estável. Judith atribuiu à pesquisadora o lugar de alguém que poderia ser sua confidente. Tendo poucos vínculos no Brasil, além da família e de uma ex-patroa, encontrou na pesquisadora alguém com quem pudesse compartilhar sua frustração, raiva e tristeza em relação a um projeto migratório que realizou unicamente para estar perto do marido.

De todos os entrevistados, Judith foi quem rompeu com o silêncio e falou de maneira aberta e sem receios sobre tudo aquilo que a incomodou desde sua chegada ao Brasil — não possuía, segundo suas próprias palavras, “nenhuma dívida com esse lugar”. Suas queixas abarcaram desde as violências racistas até as condições de vida, que se revelaram mais precárias do que aquelas que desfrutava no Haiti.

O fato de encontrar um espaço de escuta para aquilo que, talvez, não pudesse ser dito de forma tão franca em outros contextos — como o relato da violência racial sofrida em um ônibus, a caminho do trabalho — contribuiu para que Judith estabelecesse uma relação de maior proximidade com a pesquisadora. Foi ela quem, espontaneamente, convidou a pesquisadora para acompanhá-la, junto ao marido, em uma festa de casamento, apresentando-lhe aspectos de sua cultura, bem como para visitá-la fora do contexto da pesquisa.

Natil, marido de Judith, foi o entrevistado seguinte, e sua entrevista foi realizada separadamente. Sua vinda ao Brasil ocorreu em um contexto no qual viu sua vida ser devastada pela perda de pessoas queridas de sua família, que adoeceram e não tiveram acesso aos tratamentos de saúde adequados. Ainda que tenha compartilhado com a pesquisadora aspectos de sua história de vida, sua fala se dirigia, principalmente, à brasileira vinculada à universidade, alguém que, em sua percepção, poderia auxiliá-lo de alguma forma a ingressar nesse espaço tão almejado. O desejo de estudar, presente desde sua vida no Haiti, fez com que Natil atribuísse à pesquisadora o papel de interlocutora para suas dúvidas sobre o acesso ao ensino superior. Após a entrevista, buscou manter contato com ela, visando obter mais informações sobre esse tema. Sua relação com o Brasil era atravessada por uma percepção de dívida, na medida em que o considerava o país que o acolheu em um momento em que, segundo ele, precisava, a todo custo, sair do Haiti, pois, caso contrário, “eu ficaria assim, louco”, afirmou.

Natil, aquele que perdeu seu nome e se tornou ‘Haiti’ para os colegas de trabalho, sofreu violências que não podia nomear, e das quais precisava silenciar. Afinal, como ele mesmo disse, “são zoeiras, é normal”. Opta pelo silêncio e pelo distanciamento como estratégias para seguir adiante no projeto de reconstruir uma vida, já que seu país de origem permaneceu, para ele, marcado pela morte e pela doença.

A sétima e última entrevistada, Ilda, talvez tenha sido aquela que apresentou maior resistência. Desde o primeiro contato até a efetiva realização da entrevista, transcorreram algumas semanas. Para além das possíveis resistências em participar de uma pesquisa conduzida por uma pessoa desconhecida, é necessário considerar que Ilda estava no período do puerpério e, durante a entrevista, realizada em sua residência, nutria seu bebê, então adoecido e com apenas alguns meses de vida.

No caso de Ilda, a pesquisadora parece ter sido posicionada no lugar de alguém com quem não havia grande confiança, mas que, ainda assim, pôde se tornar receptora da denúncia do seu descontentamento em relação ao projeto migratório. O Brasil não foi sua primeira experiência de migração, uma vez que chegou ao país após ter vivido alguns anos na República Dominicana — local onde relata ter enfrentado experiências de racismo muito mais explícitas e diretas do que aquelas vivenciadas no Brasil.

Assim como Natil, Ilda expressava o desejo de ingressar na universidade, pois sua maior aproximação desse espaço, até então, havia sido por meio do trabalho como zeladora. Com respostas objetivas e, por vezes, breves, abordou temas como racismo e xenofobia. Diferente de outros entrevistados, não recorreu exclusivamente ao silêncio como estratégia, tendo, inclusive, confrontado um chefe em uma situação em que se sentiu prejudicada.

Essa entrevistada manteve, com a pesquisadora, uma relação marcada por maior desconfiança, semelhante àquela vivenciada com as mulheres com quem foi tentada a formação do grupo. No entanto, apesar dessa postura e do contexto de múltiplas demandas — como a maternidade e um trabalho precarizado —, Ilda aceitou conversar e compartilhar sua história e suas percepções.

Levanta-se a hipótese de que, tanto no caso de Ilda quanto nos demais entrevistados que aceitaram contribuir com esta pesquisa oferecendo algo de si, havia, de alguma forma, o desejo de serem ouvidos. Mesmo em meio a situações de grande desconforto e vulnerabilidade, essas pessoas gentilmente abriram as portas de suas casas e de suas histórias, acolhendo a demanda da pesquisadora por escutá-las. Demanda esta

que deve ser apresentada com tal amplitude que permita ao entrevistado desenvolver sua própria maneira de respondê-la, por meio da relação transferencial que se estabelece no encontro (Rosa & Domingues, 2010).

A relação estabelecida com cada entrevistado foi singular. No entanto, ao refletirmos sobre o que Devereux (1977) denomina papel complementar — ou seja, o lugar atribuído pelos entrevistados à pesquisadora —, identificamos que foram as mulheres entrevistadas aquelas que, de maneira mais direta, denunciaram o racismo e as violências sofridas, seja no trabalho, em suas próprias experiências ou nas de seus maridos, seja em situações cotidianas, como no transporte público.

Podemos supor que o sexo da pesquisadora tenha atuado como um facilitador para que ela fosse colocada no lugar de confidente pelas mulheres. Por outro lado, nas entrevistas realizadas com os homens — ainda que aparentemente mais fluidas —, percebe-se que o racismo vivido no Brasil emergiu de forma mais velada nos relatos. É possível supor que tenha sido mais difícil, para os homens, denunciar o racismo e a humilhação experimentados no país de acolhida diante de uma mulher, *blanc* e brasileira.

De acordo com Devereux (1977), o lugar atribuído ao pesquisador irá determinar aquilo a que ele pode ou não ter acesso. Além disso, há atitudes, experiências e significados que jamais poderemos apreender integralmente, seja por sermos homens ou mulheres, seja em razão de nosso próprio etnocentrismo. É necessário considerar, também, as alterações e deformações produzidas pelas defesas psíquicas mobilizadas frente às angústias despertadas no encontro com os entrevistados. Como nos lembra Macedo (2024),

[...] haverá sempre um detalhe que escapa, um sentido que se esfumaça, uma escrita por vezes turva em um ponto, nítida em outro, uma leitura não contemplada, uma fala que veio depois. Os pesquisadores e seus interlocutores são vivos e continuarão vivos [...] (Macedo, 2024, p. 10).

Considerações finais

As reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho visam lançar luz sobre a não neutralidade do pesquisador, ressaltando que aquilo que nele se produz, enquanto efeito do contato com o outro, também se apresenta como dado relevante para a pesquisa. Para Devereux (1977), esses seriam os dados mais fundamentais e que não podem ser negligenciados. Por isso, é necessária a constante atenção do pesquisador para refletir sobre suas reações contratransferenciais.

Conforme indica Macedo (2024), o envolvimento em uma pesquisa não é fruto de pura racionalidade, tampouco de mero acaso, mas algo profundamente relacionado às nossas próprias questões e vivências. Isso deixa marcas desde as escolhas metodológicas, nos instrumentos utilizados para a coleta de dados, até no modo como se realizará a análise daquilo que nos chega.

Tendo isso em vista, a ideia de que uma pesquisa possa, de fato, ser concluída — especialmente aquelas de caráter qualitativo — carrega em si certa contradição, uma vez que o objeto da investigação, constituído pelos sujeitos pesquisados e pelo próprio pesquisador, não é estanque, mas sim dinâmico e em constante transformação. Nesse sentido, retomar esta pesquisa após um certo distanciamento temporal possibilitou um novo olhar sobre o modo como a pesquisadora afetou e foi afetada no contexto do trabalho de campo.

Para Devereux (1977), aspectos como sexo, raça, condição étnico-cultural, ideologia dominante, classe social e profissão do pesquisador costumam ser pouco considerados na análise de suas produções acadêmicas, embora sejam absolutamente essenciais, uma vez que impactam diretamente os resultados de qualquer estudo. Isso ocorre porque a ciência, de modo geral, encontra-se sempre enredada nas malhas de determinadas ideologias e de padrões culturais.

Diante disso, a proposta aqui defendida é a de que o pesquisador que se propõe a ir a campo deve, primeiramente, estar atento às implicações de sua própria presença e à bagagem que carrega, pois isso, inevitavelmente, afetará o modo como a pesquisa será conduzida. Para tanto, a etnopsicanálise proposta por Devereux oferece importantes direcionamentos, que abrem a possibilidade de construção de um outro olhar — mais consciente das implicações subjetivas —, tornando possível alcançar dados mais fidedignos e significativos acerca dos fenômenos humanos.

Referências

Barros, A. F. O. (2016). *Reconstrução em movimento: Os impactos psicológicos do terremoto de 2010 em imigrantes haitianos* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina].

- Bairrão, J. F. M. H. (2005). Escuta participante como instrumento de pesquisa do sagrado enunciante. *Estudos de Psicologia*, 10(3), 441-446.
- Binkowski, I. G. (2018). Da angústia ao método nas ciências do comportamento. *Lacuna*, 1(6), 7. <https://revistalacuna.com/2018/12/14/n06-07/>
- Bleger, M. (1964). *Temas de psicologia: entrevistas e grupos*. Martins Fontes.
- Cioccari, M. (2009). Reflexões de uma antropóloga 'andarina' sobre a etnografia numa comunidade de mineiros de carvão. *Horizontes Antropológicos*, 15(32), 217-246.
- Devereux, G. (1977). *De la ansiedad al método en las ciencias del comportamiento*. Siglo XXI Editores.
- Favret-Saada, J. (2005). Ser afetado. *Cadernos de Campo*, 1(13), 155-161.
- Ferraz, I. T. (2020). *Imigrantes haitianos na cidade de Maringá: impactos do racismo sob o olhar psicanalítico* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá].
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas.
- Handerson, J. (2015). *Diaspora: as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa* [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro].
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. Martins Fontes.
- Lioger, R. (2002). *La folie du chaman : histoire de l'ethnopsychanalyse*. Presses Universitaires de France.
- Macedo, A. C. (2024). Contribuições da escuta participante em terreiros de umbanda para uma etnopsicologia brasileira. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 45(3), e69725. <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v45i3.69725>
- Mejía, M. R. G., & Cazarotto, R. T. (2017). O papel das mulheres imigrantes na família transnacional que mobiliza a migração haitiana no Brasil. *Revista Pós Ciências Sociais*, 14(27), 171-190.
- Melo Rosa, R. (2016). *Nèg blanc sa a* (aquela negra branca): desafiando as categorias de cor, nacionalidade e pertença a partir de um olhar afro-brasileiro sobre o Haiti. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, 10(2), 1-24.
- Rosa, M. D., & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e observação. *Revista Psicologia e Sociedade*, 22(1), 180-188. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000100021>
- Suannes, C. A. M., Martins, E. S. T., Muszkat, E. S., Mourão, H. C. D. C., Barbosa, M. K., Silva, P. F. R., & Leite, R. L. (2017). Quando a sala de espera do analista é o mundo: Entrevista com Marie Rose Moro. *Ide*, 39(63), 13-26.
- Scorsolini-Comin, F. (2020). O campo minado: recomendações ético-metodológicas para a pesquisa em etnopsicologia. *Vínculo*, 17(2), 94-117. <https://doi.org/10.32467/issn.19982-1492v17n2p94-117>
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Editora Vozes.